

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

**“IMPOSSIBILIDADE”**

**KARIN YUKI LOPES**

**Orientador PROF DR CLAUDIO MUBARAC**

**Dezembro 2024**

## Sobre o trabalho em si

Os seres humanos são coletores e colecionadores por natureza. Coletar e armazenar nos ajudou a sobreviver. E hoje produzimos e coletamos imagens numa velocidade e quantidade assombrosas, no entanto esse registro é praticamente natimorto, pois dificilmente será "reconsumido".

É como se o ato de registrar exaurisse a existência do objeto/momento, relegando-o ao esquecimento sumário. Vivi, existiu e senti, pois registrei.

Esse volume absurdo de imagens nos leva a um problema contemporâneo que nos faz questionar a necessidade, o tempo, o registro, o volume, a salvaguarda, a visibilidade, a privacidade e o sentimento que cada uma carrega, ou não, pois a maioria vira lixo eletrônico.

No entanto, é preciso repensar em como preservar a história imagética digital das pessoas comuns, que paradoxalmente, pode ser tão frágil quanto um negativo não preservado.

Com a popularização das redes sociais, muitas pessoas acabam utilizando-as como um grande álbum de fotos, porém é necessário também que as pessoas tenham o direito, e a possibilidade, de preservar sua memória sem precisar cedê-la às big techs, que lucram horrores alimentando seus servidores de big data e treinando suas Inteligências Artificiais.

Tendo esses questionamentos em mente, para esse trabalho de conclusão de curso, a ideia inicial era que todas as dezenas de milhares de fotos que eu já fiz deveriam ter o mesmo peso/valor e todas deveriam ser apreciadas pelo mesmo tempo, então decidi reuni-las nos meios físicos e digitais.

Digitalmente elas estariam disponíveis no website [www.karinyuki.com](http://www.karinyuki.com), que possui um contador que nos diria quanto tempo faltava para terminar de ver todas as imagens e o percentual de quantas já haviam sido visualizadas. As imagens seriam indexadas pela geolocalização de cada arquivo para marcar os 55 países por onde já passei.

Fisicamente elas estariam representadas por um volume morto equivalente a 100.000 fotos impressas em papel fotográfico.

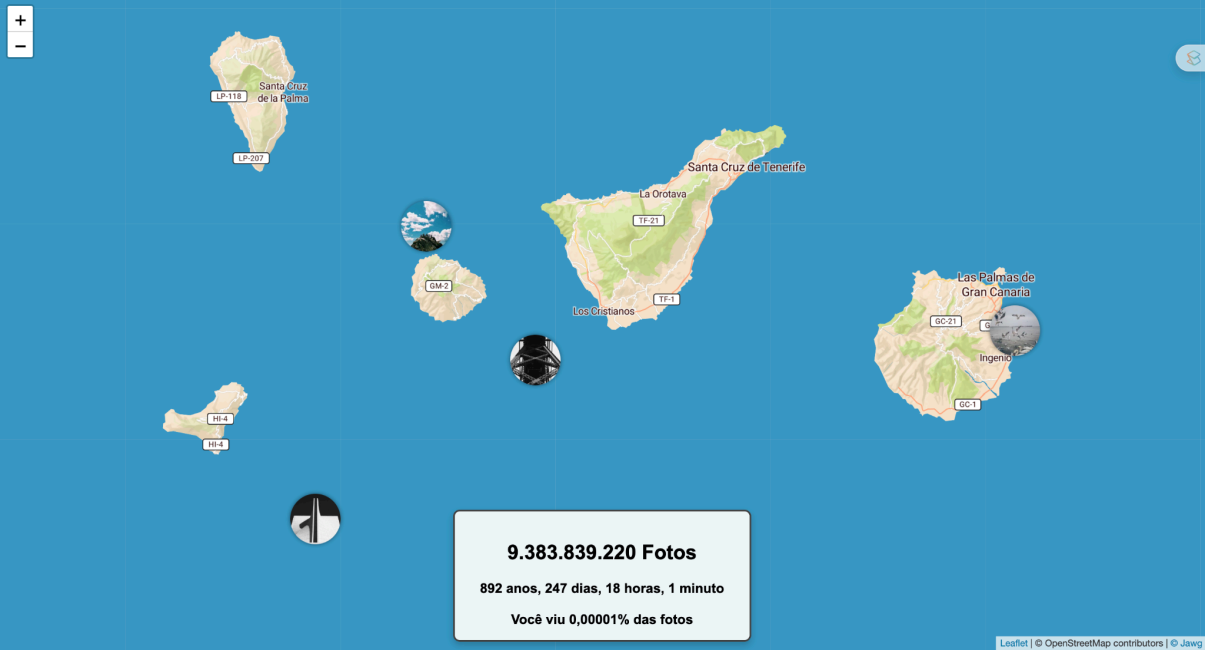
Um exemplo da impossibilidade dessa apreciação é que somente no meu telefone eu tenho mais de 45.000 fotos armazenadas e, se cada uma fosse observada por 2 segundos apenas, levaríamos 25 horas para "ver" todas.

No entanto, essa impossibilidade se apresentou também técnica, uma vez que, infelizmente, a capacidade de processamento e upload dessas imagens era demasiado moroso, tendo em vista que as imagens possuem tamanhos e formatos diferentes, estão armazenadas em diferentes diretórios e deveriam ser incluídas de maneira manual, bem como aqueles arquivos que não possuíam a informação de localização, esta teria que ser também inserida manualmente, o que tornou o projeto temporalmente inviável para a apresentação deste TCC.

A solução encontrada para aos menos ilustrar o conceito foi simular uma quantidade exagerada de imagens coletadas aleatoriamente de bancos de dados da internet. As imagens estariam indexadas pela localização e dispostas num mapa interativo, em que ficam agrupadas e vão se expandindo conforme o zoom dado no mapa, ou então elas se expandiriam ao clicar no grupo.

O intuito era de exibir essas fotos a partir de uma das informações contidas nelas, a localização, criando uma maneira mais intuitiva de explorá-las, permitindo ao observador escolher quais imagens explorar, fazendo assim sua curadoria pessoal.





## IMPOSSIBILIDADE

eu sou a minha maior inimiga  
preciso lutar contra mim todos os dias  
todas as horas  
e minutos

quisera eu matar um leão por dia  
muito mais difícil matar a mim mesma  
essa versão de mim que me azucrina dia e noite  
que me sabota  
que me domina  
que me aniquila  
over and over and over  
não sei quem um dia vencerá

a quem interessa saber por onde passei?  
o que eu fiz  
o que eu vi  
talvez nem a mim

o que eu fui, já não sou  
o que eu vi, já esqueci  
e se esqueci, talvez haja um motivo

a quem interessa?

e precisa interessar?

um pássaro, uma janela, um olhar furtivo  
um microssegundo em que universos colidem e se dissipam na mesma velocidade  
gerando 6 megabytes  
ou 7  
raw, jpeg, tiff?  
pouco importa

aquele instante vai se juntar aos milhares de outros instantes perdidos dentro de  
outros megabytes vazios

o pôr do sol no nepal, a negrura sublime dos Dinkas, a procissão dos monges, o sorriso no espelho, o corpo nu, o amante que se nega, o monte fuji que se despe...  
reduzidos  
esquecidos  
confinados  
desenaltecidos

a quem importa?

se nem a mim, a quem?

mas eu me lembro  
cada átomo do meu corpo foi moldado por esses momentos. fui transmutada numa catarse sem volta  
nada, absolutamente nada seria como foi ou como se sonhou ser  
o resto se apresentava em transe a cada passagem comprada, o efeito borboleta de um panapaná ou panapanã...  
o destino se alterou tantas e tantas vezes a cada passo, a cada fronteira, a cada idioma, a cada colherada daquilo que só se saboreia uma única vez

alguns desses registros agora voltam tal qual fantasmas do passado cobrando sua moeda, pois só mereceram atenção depois de tantos anos por conta da obrigação acadêmica  
como aquela velha tia do interior a quem não se visita há anos  
há um respeito, certa solenidade até, de se emaranhar de novo por aqueles momentos naftalínicos

a memória que se evita a todo custo  
como se em qualquer esquina das sinapses se possa dar de cara com o que se colocou cuidadosamente debaixo do tapete do esquecimento  
numa tentativa tola de poder ignorar seus tentáculos que se expandem até hoje

porque eu sou feita desses megabytes  
tantos deles produzidos enquanto eu mesma estava em escombros  
quantos deles me ajudaram a prosseguir por só "mais um dia"  
quantos desses sorrisos, paisagens e detalhes, certamente mundanos, não me ajudaram a recuperar o interesse pela vida em si, quando o mundo já não me interessava mais?

agora talvez eu consiga entender um pouco o meu medo, receio, desespero até de ter que visitar alguns desses registros  
porque não são apenas árvores, céus, bichos, gentes e comidas  
são tudo o que eu era ali  
e por vezes eu não era nada

o mesmo choro de outrora volta hoje, anos depois, com a mesma intensidade  
mas é preciso deixá-lo fluir finalmente  
dar vazão  
espaço  
liberar os megabytes  
desfragmentar as emoções  
mandar os excessos para a lixeira

a obrigação acadêmica mostrou-se muito mais terapêutica, catártica e  
vulnerabilizante que um mero compilado de palavras, capa, fotos, gráficos, notas de  
rodapé e aprovação  
talvez todos os os trabalhos acadêmicos assim o sejam e eu esteja apenas  
dramatizando e dando excessiva carga ao meu, mas fodace, é o meu  
e para mim, ele importa

talvez a banca o esqueça em 3 milissegundos  
talvez o registro físico se queime num grande incêndio biblioteconômico de grandes  
proporções  
talvez ele se auto incinere  
talvez ele receba um C-  
ou nem isso

afinal, o reino da mediocridade é democrático e caridoso, recebe a todos com uma  
reconfortante sopa, tomada numa colher familiarmente torta  
que se encaixa perfeitamente na também torta boca

e é isso  
tudo que eu sou  
tudo que eu vi  
tudo que senti

mas como tudo nessa tão deliciosamente sarcástica vida, jamais poderá ser  
replicado em outro ser humano

vemos os mesmos gigabytes, lemos as mesmas informações sobre, podemos  
esmiuçar seus pantones até  
mas nunca jamais sentiremos o mesmo que aquele indivíduo  
não há tecnologia que replique o fator humano e é apenas isso que nos salva das  
máquinas

inteligência artificial nenhuma poderia parir essas palavras com a dor que as faço  
agora

em partos múltiplos, de siameses aos trios, tão interseccionados que não se pode  
dizer onde começa um e termina o outro, saindo a fórceps  
aos pedaços  
uns inteiros  
outros mutilados  
outros natimortos  
mas paridos  
à luz

tal qual seus vizinhos megabytes natimortos, partidos, mas à luz

a razão já não importa, pois não há

exauriram-se ao nascer/morrer

e se um dia cumprirão sua função egóica de ser notado pelo outro, de ser admirado,  
de ser digno do olhar do outro...

impossível saber  
mas lá estão  
como tantos de nós  
apenas existindo

fragmentos de mim  
de quem eu fui

e está tudo aqui  
olhem, julguem, escrutinem, zombem, gostem, desgostem, amem, chorem...  
ou ignorem  
pouco importa

quaisquer argumentos sobre a qualidade técnica, a existência ou não de poética, se  
se encaixam ou não na contemporaneidade

pouco importa  
eles são o que são  
e me ajudaram a ser o que sou  
e isso basta

porque seus olhos verão o que registrei, mas não o que vi  
é difícil falar sobre  
porque cada bit compõem também o meu próprio código genético

e como escolher entre meus filhos?

esse filho foi desejado, idealizado, sonhado... por mais de 20 anos



e o que estou parindo hoje não é ele

sou eu  
natimorta  
porque o que eu fui  
está morta há muito tempo

e do filho sonhado, nem a sombra se assemelha ao que realmente é  
o filho remelento, choroso, birrento, que acorda de madrugada e interrompe a foda  
é esse que agora dorme o sono dos justos  
impresso  
morto  
novamente relegado ao conforto frio do esquecimento

teria ele sido um bom filho?  
teria sido ele melhor que aquele que vingou quando foi o escolhido na fila do  
Banespa da Av Domingos de Moraes no último dia do edital?

o filho medíocre, funcionário público de carreira, de bota brilhando foi o escolhido  
e o rebelde filho artista rebelde foi preterido  
mas não abortado  
e ali ficou como um gêmeo fagocitado  
gestado por 20 anos  
calcificado, mas pulsante  
e vivo  
um tumor  
um nódulo incômodo  
que hoje é parido levando consigo as entranhas  
virando do avesso o corpo que um dia habitou

esse TCC foi concebido em 2001  
não é sobre fotografia  
não é sobre arte  
não é sobre a academia

é sobre mim

e a quem interessa a minha história, se nem a mim?

não fui eu que fiz as imagens  
elas é que me fizeram

A conclusão deste curso é dedicada à:

- Karin de 18 anos que escolheu outro caminho
- Vovó Margarida, que me despertou o amor pelas artes manuais
- Professor Tuca e seu pontilhismo, que foi minha primeira obsessão artística
- Guto Requena, que me incentivou a explorar minha habilidade com a câmera
- Banca Examinadora e querido orientador, que testemunharam minhas crises e chilikues
- Stella e Solange, que me ajudaram a manter a graduação viva mesmo quando parecia impossível
- Relsi Maron, meu querido amigo que ouviu minhas ideias malucas e desenvolveu o site